

Ciência e política como vocações: a saúde no Rio de Janeiro

Nísia Trindade Lima

Pesquisadora e Diretora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz
Professora de sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Carlos José Saldanha Machado

Professor de Políticas Públicas e Recursos Hídricos do
Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Nara Azevedo

Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz
Professora do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde – Casa de
Oswaldo Cruz/Fiocruz

Euzenir Nunes Sarno

Vice-Presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico da Fiocruz

A revolução técnico-científica contemporânea, em que se destacam a biologia molecular e a engenharia genética, apresenta um amplo potencial de aplicação no campo da saúde, em particular no desenvolvimento de medicamentos e vacinas. Os países desenvolvidos passaram a priorizar a biotecnologia em suas agendas de ciência e tecnologia, como se verifica nas ações do *National Institute of Health* nos Estados Unidos, nos programas de biotecnologia da União Européia, no Japão e de outros países asiáticos, como a Coreia do Sul, que constituem exemplos marcantes das iniciativas e da mobilização de recursos para estimular a pesquisa biotecnológica como uma fonte de competitividade das indústrias nacionais e uma frente estratégica de investigação que fornece conhecimentos essenciais para o combate dos problemas de saúde. Por sua vez, os países em desenvolvimento, tradicionalmente dependentes de tecnologias importadas, carecem de uma das pré-condições para enfrentar o desafio de construir uma capacitação tecnológica local: a existência de uma base científico-tecnológica sólida.

Ao mesmo tempo, o desenvolvimento equilibrado de qualquer região depende, essencialmente, do uso sustentável de seus recursos naturais. A compatibilização das atividades humanas com esta realidade é um processo que se reveste de grande complexidade, sendo, por isso, uma matéria que carece de análise, de instrumentos de gestão e de planejamento, numa perspectiva integrada, descentralizada e participativa, levando-se em consideração horizontes temporais de curto, médio e longo prazo.

No Brasil, a política de ciência e tecnologia desde meados dos anos 70 promoveu avanços no que se refere à capacitação científico-tecnológica, situando-se o Estado do Rio

de Janeiro como o segundo centro do país. Além do número de institutos e centros de pesquisa, de grupos de pesquisa, de programas de pós-graduação, nesse estado encontram-se sediados os principais centros da memória científica nacional, em museus, institutos e bibliotecas que evocam uma trajetória marcada pela vocação pública da ciência aqui praticada. O entendimento dessa vocação está na origem da proposta de disseminar informações, promover o debate e valorizar a pluralidade de concepções sobre ciência e tecnologia que orientou este número da Revista Rio de Janeiro. Resultado de cooperação entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro e a Fundação Oswaldo Cruz, com ele pretendemos também contribuir para o debate sobre diretrizes que venham a fortalecer atividades de pesquisa e inovação no estado, em particular no campo da saúde.

O número apresenta inicialmente artigos que compõem o dossiê temático, com o foco no Estado do Rio de Janeiro. O primeiro, de Carlos José Saldanha Machado e Helena Espellet Klein, aborda política pública contemporânea que oferece um posto privilegiado para a observação dos novos formatos de relação e tomada de decisões entre cientistas, técnicos, gestores e usuários de serviços. Trata-se de texto sobre os recursos hídricos como tema, a um só tempo, de saúde, de arcabouço jurídico e de possível, ainda que complexa, inovação na gestão pública no Estado do Rio de Janeiro.

Este número procurou também considerar o papel do Estado do Rio de Janeiro na mediação entre atividade científica, educação e cultura. Tal é o objetivo do artigo de Luisa Massarani e Ideu de Castro Moreira em que se traça um panorama das atividades de divulgação científica realizadas desde o século XIX, sem se descuidar de apontar os desafios contemporâneos em uma sociedade marcada pela desigualdade de acesso à educação e ao conhecimento.

O último artigo do dossiê temático, de Reinaldo Guimarães, discute o processo de esvaziamento do campo científico-tecnológico no estado, situando-o em uma perspectiva histórica e identificando três momentos chave: a descentralização promovida pela República; a constituição das universidades, a partir de 1920, e o fim da política do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento, em 1979. Publicado originalmente em 2001, traz importantes dados relativos à pesquisa no estado, no período de 1975 a 2001, e nas suas conclusões aponta alternativas que, a despeito de mudanças conjunturais, permanecem atuais como a necessidade de fortalecimento da FAPERJ.

Após o dossiê temático, o leitor terá acesso a um importante testemunho de parte pouco conhecida da história da saúde no Brasil, e mais particularmente, no estado do Rio de Janeiro. No caderno de fotos, organizado por Maria Tereza Villela Bandeira de Mello, Carlos José Saldanha Machado e Nísia Trindade Lima, reproduzimos algumas fotografias do arquivo de Belisário Penna [1868-1939] relativas à atuação dos postos do Serviço de Profilaxia Rural do então Distrito Federal, em Jacarepaguá, Guaratiba, São João de Meriti, Penha, Campo Grande, Santa Cruz, Anchieta e Nilópolis. Composto de cerca de 1.800 imagens, o arquivo fotográfico de Belisário Penna constitui uma fonte de extrema relevância para a história da saúde pública no país, nas duas primeiras décadas do século XX.

Na seção *artigos*, três contribuições voltam-se para importantes temas da história da ciência no Brasil. O artigo de Paulo Elian apresenta, a partir do estudo de caso do Instituto de Malariologia (1946-1956), contribuição relevante para o estudo das relações entre pesquisa de excelência e agenda de prioridades em saúde pública, e entre pesquisa básica e sua aplicação no desenvolvimento de produtos farmacêuticos e imunobiológicos. As relações entre gênero e ciência, que começam a merecer mais atenção entre historiadores

no Brasil, são o tema do artigo de Hildete Pereira de Melo e Maria Carolina Pereira Casemiro. As autoras examinam a participação da mulher na comunidade científica do país, a partir da análise de seu ingresso na Academia Brasileira de Ciências e da Academia Nacional de Medicina, observando que o ingresso tardio não foi uma peculiaridade da experiência brasileira. O terceiro artigo, de Darcy Fontoura de Almeida, analisa a trajetória científica de Carlos Chagas Filho, no período de 1926 a 1937, considerando tanto a formação do cientista como os antecedentes da criação do Instituto de Biofísica, instituição científica cuja história é indissociável da história profissional e de vida de seu criador.

O reconhecimento da importância da informação e comunicação nos processos educativos da área da saúde, neste número da revista, está bem representado pelo artigo de Miriam Struchiner e Regina Maria Vieira Ricciardi. As autoras apresentam as principais abordagens e temas de pesquisa sobre a produção e análise da utilização de novos modelos de ensino com o uso de novas tecnologias de informação e de comunicação no processo de formação profissional nas áreas biomédica e da saúde.

As políticas de desenvolvimento tecnológico para a área de saúde, ou, como observa a autora, a sua ausência, são objeto da análise de Márcia de Oliveira Teixeira, a partir do estudo da organização de um laboratório de pesquisa e desenvolvimento tecnológico (P&DT) no interior da Fundação Oswaldo Cruz, dedicado à produção de imunobiológicos vacinais para o sistema de saúde brasileiro.

Na seção *pesquisa*, o leitor encontrará o informe de um dos projetos prioritários da Fundação Oswaldo Cruz – o Projeto Inovação em Saúde: Fiocruz / Ministério da Saúde. Ao publicá-lo, pretendemos contribuir para a divulgação de experiência de atividades de pesquisa e desenvolvimento em curso que acreditamos possam favorecer o debate e a definição de diretrizes compartilhadas por outros atores institucionais.

Os temas da inovação e das relações entre pesquisa de excelência e agenda prioritária de saúde, considerando o cenário internacional, são também focalizados na entrevista concedida a Bianca Antunes Cortes e Márcia de Oliveira Teixeira por Carlos Médicis Morel, ex-diretor do *Special Programme for Research and Training in Tropical Diseases* (TDR) da Organização Mundial de Saúde (OMS) e ex-presidente da FIOCRUZ.

O debate sobre as políticas de saúde e a implementação do Sistema Único de Saúde - SUS teve um momento de destaque em 2003, com a realização da 12ª Conferência Nacional de Saúde – Sergio Arouca. Na seção *mediações*, publicamos o informe sobre o contexto e suas principais deliberações, em texto elaborado por Rogério Lannes Rocha, Marinilda Carvalho, Cláudio Cordovil, Jesuan Xavier e Kátia Machado.

Na seção *Memória*, optamos pela publicação de artigo de Nilson do Rosário Costa e Cristina Rabelais Duarte sobre as relações entre políticas públicas, padrão de vida e saúde, que integrou, há 18 anos, o número 4 da Revista *Rio de Janeiro*. Naquele ano era candente o debate sobre a cidadania no Brasil em um contexto marcado pela redemocratização política e pela realização da 8ª Conferência Nacional de Saúde em que foram definidos os princípios norteadores do Sistema Único de Saúde.

Poucos escritores não cariocas captaram a “alma do Rio” como fez o médico e ficcionista mineiro Pedro Nava. Poucos também se destacaram com tanta sensibilidade, erudição e elegância na arte do registro e, podemos acrescentar, da imaginação em torno da escrita de memórias. Consideramos, assim, oportuno publicar na seção *o Rio na Literatura* pequeno fragmento do texto de *Chão de Ferro*, no qual Nava desvela a perplexidade da cidade diante da “peste” que a atingiu – a gripe espanhola, em 1918.

Com este número procuramos dar continuidade à tradição da revista Rio de Janeiro: perspectiva interdisciplinar, associação entre ciência e cultura e convite ao diálogo. Ele representa uma forma de descentralizar a edição de dossiês temáticos com parcerias e decisões colegiadas, por meio de cooperação interinstitucional. É com satisfação que a Fundação Oswaldo Cruz e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro o oferecem aos seus leitores, na expectativa de contribuir para a reflexão sobre o desenvolvimento econômico, social e político-institucional, com base sustentável, de nosso estado.